

HISTÓRIA X IMAGEM: DILEMAS DO USO DAS FONTES VISUAIS NA PESQUISA HISTÓRICA

Robson Xavier da Costa¹

Departamento de Artes Visuais – DAV
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
robsonxcosta@yahoo.com.br

Resumo

Esse artigo tem como objetivo discutir a utilização das fontes visuais na pesquisa histórica (iconografia, gravuras, mapas, fotografias, cinema, entre outras) procuraremos discutir os problemas, instrumentos de investigação e métodos operacionais para o estudo da imagem na história, levando em conta sua importância como fonte de conhecimento para o legado da história da humanidade, indo além da concepção de imagem como mero documento. As imagens como documentos visuais, são componentes importantes das representações do passado das mais diversas culturas, de suas tradições, festas e rituais; como representações do político, do religioso e do econômico; das rotas e caminhos; do público e do privado; do cotidiano e da guerra; dos heróis e dos anônimos, enfim, sem as imagens do passado, nossa própria imaginação histórica seria empobrecida pela ausência de referenciais de visualidade do espaço e do tempo vividos. Buscaremos indagar prioritariamente sobre a função social, as práticas e representações das fontes visuais para a história, analisando a renovação teórico-metodológica dos estudos históricos e o novo *status* do documento imagético, recolocando em outros termos a história das imagens e as imagens da, na e para a história. Desse modo, interessa-nos tanto a discussão teórico-metodológica sobre as fontes visuais e sua aplicação em pesquisas históricas, como a reflexão sobre experiências inovadoras que trabalham com a imagem na história.

Palavras-chave

Fontes visuais; imagens; história; iconografia.

¹ Doutorando em Arquitetura e Urbanismo (em curso, início em 2009 – UFRN); Mestre em História (2007 - UFPB), especialista em Educação e Tecnologia da Informação e Comunicação (UFPB - 2005), Sociologia (UFPB/CEFET - 1997) e Educação Especial (UFPB - 1995), Formação em Arteterapia pela Clínica Pomar do Rio de Janeiro (2004), Licenciado em Educação Artística – Artes Plásticas (UFPB – 1993). Professor efetivo Assistente II e ex-chefe do Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB – Ingresso em 2004). Editor da "Revista Intervenções: Artes Visuais em Debate" do Departamento de Artes Visuais da UFPB, Membro da Atual diretoria da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas – ANPAP; Líder do Grupo de Pesquisas em Arteterapia e Educação em Artes Visuais (GPAAV/UFPB/CNPq). Artista visual, Arteterapeuta e Professor de Artes Visuais, com ênfase na área de Teoria da Arte e Ensino de Artes Visuais. Desenvolve pesquisas sobre os seguintes temas: Artes Visuais, Ensino das Artes Visuais, Arte Contemporânea, Arquitetura da Arte, Arteterapia, História das Imagens e Formação Continuada de Professores na Educação Básica. Organizador do livro "Pesquisa em História: temas e abordagens" pela Editora Universitária da UFPB e autor de diversos artigos publicados em periódicos nacionais.

1. Introdução

No prefácio para a edição brasileira do livro *Testemunha Ocular*, Peter Burke inicia o texto com a seguinte expressão:

Historiadores tradicionais, ou mais exatamente historiadores céticos quanto ao uso de imagens como evidência histórica, frequentemente afirmam que imagens são ambíguas e que podem ser “lidas” de muitas maneiras. Uma boa resposta a este argumento seria apontar para as ambigüidades dos textos, especialmente quando são traduzidos de uma língua para outra (BURKE, 2004, p. i).

O autor se refere a questão do próprio livro citado, que teve problemas na primeira edição pela Edusp e foi recolhido e republicado após uma rigorosa tradução e revisão. E chama também a atenção para o fato de que

As imagens também podem ser traduzidas, no sentido de que podem ser adaptadas para uso em um ambiente diferente do que foi inicialmente idealizado (em outros termos, elas podem ser adaptadas para uso em uma cultura diferente). Elas podem até ser traduzidas erradamente (pelo menos do ponto de vista do artista original) (BURKE, 2004, p. i).

Seguindo as considerações de Burke sobre o uso das imagens como testemunhas oculares da história, nos propomos neste trabalho a realização de uma análise teórica sobre o uso das imagens como fontes historiográficas, a partir da experiência com o uso de imagens de arte durante a pesquisa para nossa dissertação de mestrado “Trajetórias do olhar: pintura *naïf* e história na arte paraibana” desenvolvida na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no ano de 2007, junto ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPB.

A opção de trabalhar com imagens na nossa dissertação foi fruto da nossa trajetória como pesquisador, professor e artista visual ao longo de mais de 20 anos de carreira, o que nos levou ao longo do tempo a estudar as diversas abordagens para leitura de imagens e as formas de aproximação com as imagens em diversos contextos.

É consenso na área das ciências humanas, que as imagens sempre foram utilizadas como recurso para a construção dos textos históricos, na maioria das vezes como meras ilustrações do conteúdo trabalhado, como exemplo, têm os livros didáticos de história no Brasil, que em sua maioria, apresentam imagens que parecem apenas referendar o texto escrito e algumas vezes chegam a contradizê-los.

No entanto, no universo da pesquisa em história, o patamar de utilização da imagem ilustrativa há muito foi superado. Imagens aparecem como fontes historiográficas nos principais e novos manuais de pesquisa e são utilizadas como

referências em inúmeras teses e dissertações pelos programas de pós-graduação em história do Brasil e do mundo.

A consolidação do uso das imagens como fontes para a pesquisa histórica é uma herança do movimento da terceira geração da escola dos *Analles*, a partir da configuração da Nova História Cultural e do diálogo multidisciplinar, enfatizado atualmente no universo da pesquisa, no entanto, o uso de imagens como fontes para a história é antigo, embora, só mais recentemente as imagens tenham sido compreendidas como indícios de informações históricas.

Aos poucos as imagens passaram de meras ilustrações dos documentos escritos para a categoria de indícios para a pesquisa histórica, compreendendo um vasto leque de possibilidades investigativas, como afirma Napolitano:

(...) Do ponto de vista metodológico, [as imagens] são vistas pelos historiadores como fontes primárias novas, desafiadoras, mas seu estatuto é paradoxal. Por um lado, as fontes audiovisuais (cinema, televisão e registros sonoros em geral) são consideradas por alguns, tradicional e erroneamente, testemunhos quase diretos e objetivos da história, de alto poder ilustrativo, sobretudo quando possuem um caráter estritamente documental, qual seja, o registro direto de eventos e personagens históricos. Por outro lado, as fontes audiovisuais de natureza assumidamente artística (filmes de ficção, teledramaturgia, canções e peças musicais) são percebidas muitas vezes sob o estigma da subjetividade absoluta, impressões estéticas de fatos sociais objetivos que lhe são exteriores (NAPOLITANO *apud* PINSKY, 2006, p. 235-236).

Nesse artigo, procuramos entender esse estatuto paradoxal das imagens para e na história, ou seja, discutir o dilema e os cuidados que o historiador deve ter ao cercar-se de fontes visuais ou outras fontes (já que deve aplicar o mesmo cuidado para todos os tipos de fontes históricas) para que as mesmas possam demonstrar contribuições efetivas para a construção do conhecimento histórico.

Trabalhar com imagens na pesquisa em história, permanece um desafio a ser vencido e lapidado pelo historiador ao longo do árduo processo de pesquisa, exigindo cuidado redobrado com as questões que formula para as fontes imagéticas, diante do *corpus* teórico que as mesmas impõem e do lugar de onde fala. A imagem, como qualquer outra evidência histórica, está eivada de variadas e possíveis interpretações, de acordo com o conteúdo simbólico intrínseco que possuem e com os possíveis anacronismos a que o leitor está habituado, de acordo com a formação cultural e visual do pesquisador. Nestas breves páginas tentaremos mapear as relações entre a história e

as imagens em um contexto de pesquisa para as ciências humanas, a partir da nossa experiência como investigador do binômio, história x imagem.

2. Imagens como indícios para a pesquisa histórica

Ao pensar em imagens como fontes iconográficas, como indícios possíveis para a pesquisa histórica, devem-se levar em conta as relações intencionais por trás da construção das mesmas. Como pesquisadores, devemos sempre lembrar que toda imagem é fruto de um recorte sobre uma determinada relação visual, fruto de intencionalidades específicas, moldadas a partir de escolhas e construções cenográficas de um fato ou ideia. Para o pesquisador se faz necessária desmistificar a imagem como fonte historiográfica, entendendo-a como uma construção cultural que reflete a formação daquele que a produziu.

Leitores de imagens que vivem numa cultura ou num período diferentes daqueles no qual as imagens foram produzidas se deparam com problemas mais sérios do que leitores contemporâneos à época da produção. Entre os problemas está o da identificação das convenções narrativas ou “discurso” – seja o fato de figuras de destaque poderem ser representadas mais de uma vez na mesma cena, por exemplo (...), ou o fato de a história ser contada da esquerda para a direita ou vice-versa (...) (BURKE, 2004, p. 180).

As imagens possibilitam inúmeras leituras, o que pode tornar-se um problema para o historiador, elas estão mapeadas pela relação entre aqueles que a produzem, os que a consomem e os intermediários. Envoltas em uma intrincada rede de relações de poder, as imagens, modificam-se ao longo do tempo histórico, suas leituras também se modificam, refletindo a visão de cada pesquisador e da sua época. A cada novo questionamento sobre uma mesma imagem, podem-se atribuir leituras diversas que refletem a formação cultural do leitor e o contexto onde a imagem está inserida. Embora múltiplas leituras sejam possíveis, nem todas são válidas, já que refletem diferentes níveis de complexidade e compreensão da simbologia da imagem. Segundo Paiva:

Cabe a nós decodificar os ícones, torná-los inteligíveis o mais que pudermos, identificar seus filtros e, enfim, tomá-los como testemunhos que subsidiam a nossa versão do passado e do presente, ela também, plena de filtros contemporâneos, de vazios e de intencionalidades. Mas a História é isto! É a construção que não cessa, é a perpétua gestação, como já se disse, sempre ocorrendo do presente para o passado (PAIVA, 2006, p.19).

As imagens fazem parte das formas de representação mais utilizadas pelos seres humanos ao longo do tempo histórico, a partir delas se atribuem significados e sentidos as diversas formas de compreensão das normas, valores, ritos, simbologias e interferências humanas sobre o mundo. Para o historiador fica o desafio de identificar o tempo e o lugar histórico presente na imagem analisada, compreender e decifrar sua linguagem, identificar os indícios representados e relacionar a fonte visual a outras fontes históricas. A imagem para a pesquisa histórica deve ser encarada como um texto a ser lido e compreendido, a relação inicial deve ser pautada pela desconfiança, pelo olhar apurado do investigador, o historiador deve agir como um detetive em busca de provas para montar o quebra-cabeça e recompor o fato.

(...) é importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver. Para o pesquisador da imagem é necessário ir além da dimensão mais visível ou mais explícita dela. Há, como já disse antes, lacunas, silêncios e códigos que precisam ser decifrados, identificados e compreendidos. Nessa perspectiva a imagem é uma espécie de ponte entre a realidade retratada e outras realidades, e outros assuntos, seja no passado, seja no presente (PAIVA, 2006, p. 19).

Como afirma Paiva, as imagens tanto podem transmitir e registrar um determinado fato histórico, como é o caso do fotojornalismo ou da pintura histórica, como podem ser frutos da imaginação e criação do artista. Ambas as formas de representação, estão eivadas de indícios históricos de uma época, de um lugar, de um tempo, que passa a ser transmitido em forma de símbolos, necessitando do olhar do especialista para serem decifrados. As imagens como fontes visuais, fazem parte do jogo historiográfico, presentes no percurso de construção da escrita da história sendo utilizadas para a difusão dos saberes históricos.

Na construção do texto histórico, o historiador pode se valer das fontes visuais, para ler e reler o legado não-verbal de um determinado grupo social, para montar os cacos do mosaico da história humana. Ao abordar uma imagem, estamos tratando com representações, apropriações e a circulação das ideias, processos, que envolvem uma diversidade de atores sociais, de instituições e estão permeadas pelo discurso competente, que valida sua aprovação com produto do meio. Segundo Burke:

(...) imagens nos permitem “imaginar” o passado de forma mais vívida. Como sugerido pelo crítico Stephen Bann, nossa posição face a face com uma imagem, nos coloca “face a face com a história”. O uso de imagens, em diferentes períodos, como objetos de devoção ou meios de persuasão, de transmitir informações ou de oferecer prazer, permite-lhes testemunhar antigas formas de religião, de conhecimento, crença, deleite, etc. Embora os textos também ofereçam indícios valiosos,

imagens constituem-se no melhor guia para o poder de representações visuais na vida religiosa e política de culturas passadas (BURKE, 2004, p. 17).

Seguindo a proposição de Burke compreendemos as imagens como indícios e testemunhas oculares da história, relacionando-as com outras fontes históricas, levando em conta os problemas presentes em qualquer fonte documental. As imagens são veículos de propagação da cultura material e ferramentas que permitem a ampliação da compreensão visual da História. O historiador atento aos silêncios, as mensagens subliminares, aos textos não-verbais, é capaz de analisar os indicadores simbólicos das imagens.

Desta maneira, o historiador não está em busca apenas de fatos concretos, mas vai buscar os silêncios através dos indícios, das entrelinhas, do não-dito presentes nas imagens, “decifrá-las” pode ser um desafio prazeroso, favorecendo a construção crítica da História.

A análise crítica é central na aplicação de fontes visuais para a História, as imagens devem ser indagadas, questionadas, arguidas, Segundo Burke (2004) o historiador deve desenvolver métodos de críticas para as fontes imagéticas e interrogá-las como testemunhas da história.

O testemunho das imagens necessita ser colocado no “contexto”, ou melhor, em uma série de contextos no plural (cultural, político, material, e assim por diante), incluindo as convenções artísticas para representar as crianças (por exemplo) em um determinado lugar e tempo, bem como os interesses do artista e do patrocinador original ou do cliente, e a pretendida função da imagem (BURKE, 2004, p. 237).

Compreender o contexto amplo da imagem analisada deve ser preocupação central do historiador ao lidar com fontes visuais, levando em conta também as séries de imagens, já que “uma série de imagens oferece testemunho mais confiável do que imagens individuais (...). O que os franceses chamam “história serial” vem a ser extremamente útil em determinadas ocasiões” (BURKE, 2004, p. 237-238).

Lidar com imagens na pesquisa histórica é como trabalhar com um material frágil, exige habilidade e atenção redobradas, perspicácia e perícia no trato com a fonte documental, desconfiança e credibilidade, ou seja, é trabalhar constantemente com variáveis opostas, indagando permanentemente as fontes, otimizando o processo de construção de uma história visual indiciária e contribuindo para a construção do novo estatuto da imagem para a História.

3. Considerações Finais

“As leituras [visuais], assim como as versões históricas, são todas filhas do seu tempo” (PAIVA, 2004, p. 33).

Neste artigo procuramos discutir pontos fundamentais para uma compreensão inicial sobre a relação História X Imagens, partindo da nossa pesquisa de mestrado, citada na introdução e na pesquisa em curso sobre Arte e História, no compute da História Visual, desenvolvida junto ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba.

Procuramos verificar na compreensão de Burke (2004) e Paiva (2004) a relação metodológica do uso de fontes visuais na pesquisa histórica, a partir da perspectiva da construção de uma história visual, esperando contribuir para a ampliação teórica da História Cultural, visando despertar nos historiadores a necessidade de organizar e trabalhar com acervos visuais, para ampliar seus referenciais de pesquisa. “É importante sublinhar que a imagem não se esgota em si mesma. Isto é, há sempre muito mais a ser apreendido, além daquilo que é, nela, dado a ler ou a ver” (PAIVA, 2004, p. 19).

Os historiadores não podem dar-se ao luxo de esquecer as tendências opostas dos produtores de imagens para idealizar e satirizar o mundo que o representam. Eles são confrontados com o problema de distinguir entre representações do típico e imagens do excêntrico (BURKE, 2004, p. 236-237).

Consideramos o estudo das relações entre a História e Imagens uma contribuição significativa para a ampliação dos objetos da pesquisa histórica, possibilitando novas abordagens, relacionando a produção/fruição de imagens e seu contexto com a História Cultural. Pesquisar o uso das imagens na e para a História, compreende um desafio cotidiano, levando o pesquisador a experimentações que geram inúmeras discussões sobre o estatuto da imagem para o campo da História e permeiam sua *práxis* durante a investigação histórica.

Referências

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. **Testemunha Ocular: História e Imagem.** Bauru/SP: Edusc, 2004.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações.** Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1999.

COSTA, Robson Xavier da. Imagens e história na arte *naïf* paraibana. In: **Revista Intervenções: artes visuais em debate.** Ano 01; Nº 01; João Pessoa – Paraíba: Universitária UFPB, 2006, p. 87 a 103.

_____. História visual e história oral: relações possíveis. In: **Revista Intervenções: artes visuais em debate.** Ano 02 e 03; Nº 02; João Pessoa – Paraíba: Universitária UFPB, 2007/2008, p. 131 a 139.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Imagem e memória: ensaios de antropologia visual.** Rio de Janeiro: Garamond, 2001.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. In **Revista Brasileira de História,** São Paulo, vol. 23, nº 45, 2003, pp. 11-35.

NETO, Martinho Guedes dos Santos e COSTA, Robson Xavier da (Orgs.). **Pesquisa em História: temas e abordagens.** João Pessoa – Paraíba: Universitária UFPB, 2009.

PAIVA, Eduardo França. **História & imagens.** 2ª ed. Belo horizonte: Autêntica, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.) et. al. **Fontes Históricas.** 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.